

VIOLÊNCIA EM TEMPO DE GLOBALIZAÇÃO

*José Vicente Tavares dos Santos (org.)
São Paulo, Hucitec Editora, 1999, 570 p.
Por Verônica Cristina Conde Araújo ¹*

*“... o que existe de mais perigoso na violência é sua racionalidade.
Certamente, a violência em si mesma é terrível. Mas a violência encontra seu
fundamento mais profundo na forma de racionalidade de que nos utilizamos (...).
Entre a violência e a racionalidade, não há compatibilidade”
(Michel Foucault, in Santos, José V. dos (org.), 22).*

O livro *Violência em tempo de globalização* é uma coletânea que reúne textos que foram apresentados no Seminário Internacional “*Violência, Criminalidade e Segurança Pública*”, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 1996. Nesse Seminário reuniram-se profissionais oriundos de diferentes áreas do conhecimento e das mais variadas instituições da sociedade, resultando em análises sobre a violência contemporânea, sua complexidade e heterogeneidade, em uma perspectiva interdisciplinar, apresentando uma abordagem sociológica sobre a conflitualidade, a partir dos problemas sociais da criminalização e a violência, situando-a no contexto dos efeitos da globalização da sociedade e da economia contemporânea.

A discussão do processo de globalização que está acontecendo neste final de século implica em modificações radicais em vários setores da atividade humana. Quando se discorre sobre globalização, tende-se a destacar os aspectos da produção de riquezas e de consumo. Isso é apenas o primeiro resultado da mudança. Os processos anteriores de aceleração econômica sempre provocaram alterações em outros setores das atividades humanas. A Revolução Industrial foi um fator muito importante e que teve peso no processo de globalização, deslocando o foco da sociedade do campo para a cidade. Surgiu um novo desenho de classes, como o operariado, os sindicatos, as teorias socialistas, a demanda de leis refletindo

¹ Mestranda em Serviço Social PUC/Rio

conquistas sociais. Hoje constatamos que praticamente não existe mais país isolado. O crescimento da interdependência está nos transformando numa aldeia global. Assim, no processo de globalização, temos países com realidades próprias, complexas e com características mundiais.

As análises do livro são desenvolvidas, através de uma reconstrução histórica e social dos fenômenos sociais em sua multiplicidade, agregando as dimensões de classe social, etnia e de gênero, buscando desvelar as faces da violência, que se manifesta em diversos setores, nas sociedades brasileira e latino-americana, em tempos de globalização. *“Dentre as novas questões sociais globais, os fenômenos da violência adquirem novos contornos, passando a disseminar-se por toda a sociedade”* (pg. 01). Neste sentido, o livro traz importantes contribuições para este debate que se coloca tão fortemente tanto no campo acadêmico como no cotidiano da população que sofre os rebatimentos das complexas transformações societárias.

A despeito das inúmeras conquistas democráticas verificadas com o fim do regime autoritário, o retorno ao Estado de Direito não assegurou a efetividade dos direitos fundamentais. Paradoxalmente, recrudesceram certas modalidades de conflitos sociais, de tensões, relações de exploração econômica, relações de dominação política e a disseminação da violência, reproduzindo, cada vez mais, exclusão social, altas taxas de desemprego, aumento da pobreza, ameaçando a consolidação do Estado democrático de direito, com o processo de dilaceramento da cidadania. Inserindo-se como efeito uma multiplicidade de formas de violência que adquirem novos contornos, passando a disseminar-se por toda a sociedade, presente nas cidades e nos campos, manifesta no comportamento de amplos grupos da sociedade civil, um infindável número de situações que permanecem como elemento normal da vida social e política.

A obra, dividida em cinco partes com vinte seis artigos, destaca as principais questões debatidas no Seminário: a violência rural e urbana, a violência de gênero e a discriminação étnica, assim como a violência das instituições enfocadas por pesquisadores das Ciências Sociais do Chile, Argentina, Uruguai e de diversos estados brasileiros.

A primeira parte, *Globalização e Violência*, composta por cinco artigos, aborda a relação entre o processo de globalização e os fenômenos de violência, explicitando a violência urbana, *“incorporando a perspectiva da globalização no panorama do crime*

organizado internacionalmente, do crime também ele globalizado, com características econômicas, políticas e culturais sui generis, sem perder algo do velho capitalismo da busca desenfreada do lucro a qualquer preço” (pg. 24).

Os estudos apontam que o processo de democratização, coincidindo com forte crise econômica, provocaram o agravamento das desigualdades sociais ocasionando o desmantelamento dos mecanismos tradicionais de sociabilidade, novas tendências culturais, novos espaços e novas formas de violência que se disseminam nas relações sociais e no cotidiano da sociedade brasileira tornando cada vez mais difícil a ampliação da cidadania. Assim temos, um processo de formação da sociedade global que ocorre de modo contraditório, heterogêneo e desigual. As relações sociais passam por mudanças, as formas de sociabilidade comunitárias tradicionais dão lugar a princípios individualistas e fragmentados.

Na segunda parte da coletânea, *A violência na América Latina*, os artigos referem-se aos processos de internacionalização dos processos de criminalização e de violência nos países do Cone Sul, destacando o aumento da criminalidade violenta e a atuação dos Estados através de mecanismos repressores e punitivos que buscam o controle social, através do aumento de formas policiais repressivas e construção de novos cárceres, abandonando uma proposta ressocializadora. *“Os tempos de globalização atingiram duramente as estruturas do Estado-Providência no Uruguai, com reflexos sociais no processo de criminalização” (pg. 27).*

A continuidade da violência agrária no Brasil, terceira parte, destaca que as manifestações de violência na sociedade brasileira começaram a ser percebidas no espaço agrário, desde o modo de produção escravista colonial, incorporada no cotidiano dos homens, apresentando-se comumente como solução para os conflitos sociais e para o desfecho de tensões nas relações entre sujeitos. Nessa perspectiva, os autores resgatam as relações de produção nos campos e estudos acerca dos processos sociais agrários, enfocando a questão agrária e a violência no espaço rural. Destacam, também, o papel do Estado nesse espaço, por meio de políticas públicas, compreendendo as transformações das relações sociais, *“com ênfase nos processos de formação, diferenciação e transformação das classes sociais no espaço agrário, com análise de suas práticas, trajetórias e representações simbólicas” (pg. 30).* Enfocam, ainda, as lutas recentes pela reforma agrária com a emergência do

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e as formas de resistência contidas na relação com as forças políticas hegemônicas.

A discussão da quarta parte da coletânea, *A violência e o campo jurídico*, traz em seus três artigos a discussão da dinâmica e organização da instituição jurídica, desde os primeiros tempos da república até os dias atuais. Hoje se tem investido, cada vez mais, na criminalização, através das medidas de segurança da ordem social, tem-se decretado continuamente a prisão e, ao mesmo tempo, graves violações de direitos humanos praticadas por agentes do jurídico. Nesse sentido, os autores argumentam que quanto maior a violência em nosso controle social, mais para trás estamos indo no caminho para a democratização de nossa sociedade. A problemática social da violência e da criminalidade aos cidadãos são tomadas como forma individualizada, o que nada mais é do que tomar como causa simplificadora.

A quinta e última parte do livro, *Instituições prisionais e manicômios*, compreende os processos sociais que informam essa realidade institucional, destacando as prisões e manicômios como espaços que sustentam a violência, “antes de reeducarem mais violentam e agridem os detentos, tratando-os como dejetos sociais, é de se perguntar: de que normalidade e de que patológico se está falando, senão do de igual ou maior periculosidade do que a do criminoso e a do louco” (pg.35), um sistema prisional que se sustenta e é sustentado pelo uso do poder e da violência. Deixando de oferecer um tratamento adequado, sem levar em conta o respeito pelos direitos humanos, temos nas instituições prisionais uma duplicidade de papel: punitivo e ressocializador. Um projeto ressocializador limitado, como atestam as elevadas taxas de reincidências, potencializando e reproduzindo exclusões sociais mais amplas. “Urge, pois, uma reflexão sobre a forma de punir. Afinal, se o castigo não é compatível com os Direitos Humanos, não é legítimo. Urge a humanização do sistema penitenciário” (pg. 568). Os autores assinalam, também, que essas instituições de controle social têm operado de forma seletiva, configurando-se uma homogeneização da população prisional em torno dos indivíduos do sexo masculino, jovens, pobres, e negros ou mulatos.

Acreditamos que, com a resenha acima, oferecemos ao leitor uma idéia geral e sumária do livro, que contribui para desvelarmos as faces da violência nas sociedades brasileira e latino-americana, em tempos de globalização.